

# Mitos anticonservacionistas: precisamos entendê-los para então desmistificá-los

Fleuriane Dantas Lira<sup>1</sup>

Mateus Lima Bernardo<sup>2</sup>

Gabriel Barbosa Vasconcelos<sup>3</sup>

Roberta Smania-Marques<sup>4</sup>

**Resumo:** A evolução da humanidade causou distorções na forma de interpretação do meio natural pelas populações, que explicam fenômenos observados pelas crenças populares, através do apelo ao sobrenatural, o que origina vários mitos. O presente trabalho trata de uma revisão sistemática qualitativa com enfoque em discussões e estratégias da educação ambiental que vêm sendo utilizadas para a desmistificação de crenças brasileiras que podem vir a ser obstáculos na conservação da herpetofauna. Nosso objetivo foi procurar na literatura online disponível, trabalhos que envolvam a desmistificação zoológica por meio da sensibilização. Selecionamos onze artigos finais que nos ajudaram a traçar uma relação entre as percepções individuais, os mitos populares e as propostas de intervenção educacional. Contudo, os resultados obtidos referem-se a discussões em ambientes formais, sugerindo a necessidade de pensar em intervenções para o ambiente não formal e que isso exige uma preocupação quanto ao público que é sempre aleatório.

**Palavras chave:** Mitos, Conhecimento Popular, Educação Ambiental.

1 Graduada do Curso de Ciências Biológicas da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, fleuriane\_dantas@hotmail.com;

2 Graduando do Curso de Ciências Biológicas da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, mateuslimaif@outlook.com;

3 Graduando do Curso de Ciências Biológicas da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, gabriel\_hashas@hotmail.com;

4 Professora Doutora do Curso de Ciências Biológicas da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, robertasm@gmail.com.

## Introdução

A globalização e a necessidade humana de chegar às áreas urbanas gerou distorções sobre a forma de como as pessoas compreendem a natureza e influenciou na maneira como o ser humano percebe o meio ambiente, o que ocasionou em uma diminuição do grau de sensibilização sobre a necessidade de conservar a biodiversidade, justificando as crises ambientais hoje existentes (NASCIMENTO; ARAÚJO-DE-ALMEIDA, 2009). Esta questão evidencia um esquema de percepção antropocêntrica, cuja visão utilitária da natureza como recurso ilimitado e concepções de vida e de mundo são fatores preponderantes nas formas de relação de toda sociedade com o planeta (CORBELLINI, 2004).

Ao passar do tempo, desenvolvemos crenças acerca da fauna com a qual compartilhamos o ambiente que foram - e são - culturalmente passadas entre as gerações e podem repercutir em hábitos anticonservacionistas (LIRA et al, 2019). A educação ambiental surge então em um momento atormentado semeando possibilidades (CHADDA, 2013) e sendo vista neste contexto, como uma importante ferramenta para a defesa do meio ambiente, ajudando a reaproximação do ser humano com a natureza (NASCIMENTO; ARAÚJO-DE-ALMEIDA, 2009).

As pesquisas que apresentam um enfoque na percepção ambiental facilitam a incorporação de ações que cooperem com as necessidades locais, uma vez que se compreendem as interpretações que um grupo tem de um lugar, assim como as relações que se estabelecem com o mesmo (FREDERICO; BRUHNS, 2012; GUERRA et al, 2004). Este trabalho faz parte de um projeto maior, que busca entender como a população paraibana vê a classe reptilia, afim de poder traçar metodologias ativas que possam ser aplicadas em ambientes não-formais de ensino, como forma de promover conhecimentos científicos e tentar conscientizar essa população sobre as percepções e atitudes errôneas relacionadas aos répteis.

Como objetivo geral, nos propusemos a procurar na literatura online disponível, através de uma revisão sistematizada, discussões e estratégias da educação ambiental que vêm sendo utilizadas para a desmistificação de crenças que podem vir a ser obstáculos na conservação da herpetofauna. O nosso objetivo específico foi o de encontrar projetos finalizados ou em andamento que trabalhem com a desmistificação zoológica por meio da sensibilização populacional com dinâmicas ativas próprias da área do ensino de ciências e da educação ambiental. Isso nos ajudará a promover discussões sobre a origem e a propagação dos mitos, para que, a partir do momento em

que entendemos a origem do problema, possamos traçar estratégias ativas de intervenções educacionais em ambientes de ensino formal e não-formal, visando que a sensibilização do público alvo seja eficaz.

## **Percurso metodológico**

O presente trabalho trata de uma revisão sistemática qualitativa com o enfoque nas intervenções educacionais que lidam com temas relativos à mitos, lendas e crenças de população brasileiras acerca da herpetofauna. Para o levantamento bibliográfico das literaturas de interesse, foi escolhida a base de dados do Google acadêmico. Não foi delimitada nesta busca nenhum período de tempo específico de publicação ou idioma. Utilizamos um esquema de três palavras-chave nas quais apenas uma era mutável. Unimos as palavras “mito” e “répteis” com outras palavras (educação ambiental, etnoconhecimento, práticas ambientais, mudança de percepção, percepção ambiental, etnobiologia, intervenção educacional, intervenção educativa, intervenção ambiental e intervenção escolar) a fim de que nossa busca fosse a mais precisa possível. A escolha de ambas as palavras fixas se deu em virtude de outra pesquisa já realizada que nos permitiu esse foco (LIRA et al, 2019).

Dentre todos os arquivos encontrados, selecionamos inicialmente àquelas bibliografias publicadas e avaliadas como A1, A2, B1 e/ou B2 segundo o sistema de classificação de Periódicos Qualis Capes (Quadriênio 2013-2016) nas áreas de avaliação “Ensino” e “Educação”. Levamos em conta, apenas artigos científicos dos periódicos encontrados, excluindo livros, trabalhos de conclusão de curso, dissertações e teses de programas de pós-graduação. Nossas buscas nos renderam um total de novecentos e oitenta e nove trabalhos publicados que após a triagem de Qualis, foram reduzidos para vinte e nove artigos científicos. Desses, após a segunda triagem por uma leitura de cada um na íntegra, onze artigos foram selecionados.

## **Resultados e discussões**

Classificamos nossos resultados em três grandes áreas conceituais que se interligam. Utilizamos artigos da área da etnobiologia que trazem alguns mitos sobre répteis e servirão para orientar e exemplificar a base desta pesquisa (COSTA-NETO, 2000; PASSOS et al, 2015), somados às publicações que retratam a representatividade dos animais nas populações brasileiras (AZEVEDO; GARCIA, 2017; COSENDEY; SALOMÃO, 2014; SALLA et al, 2017;

SCHERER; BALDIN, 2014; SILVA et al, 2013) e discutimos a importância da educação ambiental como ferramenta mediadora para os processos de conservação de espécies (FREDERICO; BRUHNS, 2012; GUERRA et al, 2004; MATOS; LANDIM, 2014; OLIVEIRA-JUNIOR; SATO, 2006).

Sobre esses trabalhos, é importante perceber que a percepção das pessoas sobre os animais estará diretamente ligada ao tipo de relação que os indivíduos têm com a fauna local, pois as atividades antrópicas podem interferir na vida faunística nos aspectos comportamentais, ecológicos, reprodutivos, alimentares e medicinais (COSTA-NETO, 2000). Diante disto, acreditamos ser fundamental o desenvolvimento de práticas da educação ambiental junto às populações de uma maneira que possibilitem aos moradores locais a reflexão sobre as suas práticas cotidianas e suas consequências ecológicas (SCHERER; BALDIN, 2014).

Além das intervenções educacionais, esses conhecimentos populares podem se tornar muito importantes para pesquisadores de diferentes áreas (COSTA-NETO, 2000), visto que a divulgação de pesquisas científicas pode servir como base teórica de outros trabalhos ou como ponto de partida para intervenções educacionais através da compreensão dessas relações (MATOS; LANDIM, 2014), como é o caso deste trabalho em específico.

A educação ambiental vem então como uma ferramenta na tentativa de conciliar esses saberes, provocando uma dinâmica pedagógica para aliar conhecimentos locais e universais, para valorizar o saber regional sem se despedir dos valores das ciências (OLIVEIRA-JÚNIOR; SATO, 2006). Junto a ela, os trabalhos etnológicos, que juntam os relatos das populações, podem também refletir a falta de informação e a existência de concepções equivocadas nas diversas comunidades estudadas, o que pode ser evidência de falhas nos processos de ensino e aprendizagem de ciências e biologia na educação básica (PASSOS et al, 2015).

Por se tratar de questões culturais, ainda nos dias de hoje nos espaços formais de educação, encontramos este tipo de conhecimento se sobrepondo ao conhecimento científico e colaborando para que as representações equivocadas sobre os répteis sejam disseminadas (COSENDEY; SALOMÃO, 2014), o que nos chama mais atenção ao fato de que novas alternativas educacionais sejam construídas com o intuito de romper obstáculos epistemológicos que docentes, discentes e a população como um todo enfrentam ou enfrentarão em situações cotidianas (LIRA et al, 2019).

Os *squamata* por exemplo são os animais que mais atraem interpretações míticas e simbólicas por serem animais “estranhos”, rastejantes e que fazem eco aos primórdios dos tempos como fonte de pecado e de todos

os terrores (AZEVEDO; GARCIA, 2017). O interessante ao se lidar com esse assunto é que há um fator em comum que faz com que as pessoas tenham mais medo e repúdio em relação a esses animais: a mídia. Segundo ela diversos animais são muitas vezes mostrados como agressivos e vingativos (COSENDEY; SALOMÃO, 2014). Essa humanização dos animais atrelada à dificuldade em se atribuir importâncias ecológicas e valorização aos répteis, acaba influenciando a motivação e a conscientização das pessoas. Por causa disso, algumas espécies acabam sofrendo um declínio em suas populações em decorrência da antropização, mostrando a relevância tomar como ponto de partida o apoio público e o ensino de ciências e biologia como ingredientes vitais para garantir soluções de conservação a longo prazo (SALLA et al, 2017). O que, mais uma vez, evidencia a importância da divulgação de intervenções que visem minimizar os impactos negativos sofridos pelos animais, uma vez que percepções errôneas podem levar à atos de vandalismo direcionado às diferentes populações faunísticas (SILVA et al, 2013).

Contudo, para entender melhor sobre as relações entre humanos e animais, consideramos necessário entender que desde o momento em que a civilização humana introduziu a domesticação animal em seus hábitos, houve a prática relacionada à classificação dos animais em úteis e nocivos (BECK & KATCHER, 1996). Essa distinção se manteve de forma cultural sendo passada por gerações e é visivelmente acentuada ainda hoje através de elementos escolares formais e não formais. Essas convicções pré-estabelecidas corroboram com a fácil aceitação dos mitos e crenças em relação ao estudo zoológico que muitas vezes, são passadas de maneira equivocada (LIRA et al, 2019).

Esses saberes se caracterizam pela tentativa de responder muitas questões que se encontram inacessíveis para uma "realidade" concreta ao universo humano e existencial (AZEVEDO; GARCIA, 2017). Além de fornecer explicações, pertencem à tradição cultural e oral de um povo que explica através do apelo sobrenatural, ao divino e ao misterioso a origem do universo, assim como o funcionamento da natureza (AZEVEDO; GARCIA, 2017), o que ocasiona uma conexão rica entre as populações e suas crenças (OLIVEIRA-JÚNIOR; SATO, 2006). Nesse contexto, as peculiaridades culturais de cada comunidade podem conduzir a diferentes juízos de valor entre as diferentes regiões do Brasil, por exemplo (ALVES et al., 2009).

Nossos achados enfatizam a importância do registro das percepções das diferentes comunidades que trabalhamos, pois uma vez transmitidos de geração em geração, estes mitos vão sofrendo modificações, adaptando-se a novos contextos culturais específicos de cada região, e mantendo

portanto, somente algumas características originais, apresentando dessa forma uma grande variedade de versões (SALLA et al, 2017). Dessa maneira, como o conteúdo tende à mudanças, as intervenções educacionais devem acompanhá-las e para que isto seja possível, é oportuno questionar sobre o que vem sendo executado, para quê, por quem e para quem (GUERRA et al, 2004), uma vez que a elaboração e aplicação de intervenções sem o mínimo de conhecimento sobre o público alvo e seus possíveis obstáculos pode se tornar ineficaz (MOREIRA; CANDAU, 2003).

Dessa forma, a fim de conseguirmos construir uma intervenção efetiva, faz-se necessário a presença de esquemas de sensibilização que estreitem a relação dos participantes com os animais em questão, mostrando a relevância da preservação e da conservação das espécies. É válido ressaltar ainda que as pesquisas envolvendo mudança conceitual mostrem que concepções globais mudam gradualmente e naturalmente, provando a importância das campanhas educativas de forma contínua. Para isso, é importante que tenhamos não só a educação ambiental como ferramenta, mas que esta possua um arcabouço teórico-metodológico que consiga cumprir eficazmente os objetivos de aprendizagem das diferentes intervenções planejadas (AZEVEDO; GARCIA, 2017; SILVA et al, 2013), levando em consideração que essas intervenções precisam ser construídas, adaptadas e repensadas com base em seu público alvo, uma vez que dependendo do local de residência, do nível de escolarização e da exposição do sujeito ao conhecimento, representações sociais diferentes podem emergir das expressões do imaginário das populações (SCHERER; BALDIN, 2014), de forma que problemas locais demandam soluções locais para que esse público alvo possa ter acesso ao conhecimento acadêmico e consiga refletir sobre suas próprias ações (COSENDEY; SALOMÃO, 2014; OLIVEIRA-JÚNIOR; SATO, 2006).

## Considerações Finais

Encontramos poucos trabalhos que se concentraram na desmistificação dos saberes populares. Todos os resultados lidos referem-se à discussões que foram realizadas em turmas de escolas quando a curiosidade dos alunos se relacionava ao conteúdo programado das aulas. Por tratarmos de questões culturais, é necessário, além do ensino formal, que intervenções educacionais sejam realizadas em espaços não-formais para que toda a população seja atingida através da sensibilização e da inserção de conhecimentos científicos atrelados a consequências ecológicas decorrentes de práticas diárias.

Entendemos que nosso objetivo nesta revisão foi muito específico e consideramos nossos resultados parcialmente positivos. Se por um lado há publicações que tratam sobre a herpetofauna com finalidade educativa, por outro lado esses trabalhos são referentes à ambientes formais de ensino. Isso nos sugere que ainda há uma lacuna de intervenções sobre este tema para os espaços de ensino não formal. Esse problema pode se agravar quando as intervenções são desenhadas maneira lúdica, de modo que esta oportunidade única com o público corre o risco de ser desperdiçada e desacreditada, caso essas ferramentas lúdicas não sejam também avaliadas.

Uniremos esses resultados aos mitos herpetológicos já encontrados em uma etapa realizada anteriormente, para então focarmos na produção de jogos educacionais complexos. Nosso maior objetivo não é o de impor o conhecimento científico acima do conhecimento popular, mas o de mostrar que, a depender da nossa rotina e de nossas práticas diárias, podemos de forma indireta estar contribuindo lentamente para possíveis consequências ecológicas irreversíveis, como a extinção funcional de algumas espécies.

Como perspectivas futuras para este trabalho, pretendemos validar os jogos educacionais que foram construídos com base nos resultados de nossas pesquisas sistematizadas e aplica-las em espaços de ensino formal e não-formal, contribuindo não somente para a desmitificação das crenças populares, mas também para a formação de cidadãos mais críticos, reflexivos e conscientes.

## Referências

ALVES, R. R. N.; LEO-NETO, N. A.; SANTANA, G. G.; VIEIRA, W. L. S.; ALMEIDA, W. O. Reptiles used for medicinal and magic religious purposes in Brazil. **Applied Herpetology**, v. 6, n. 3, p. 257-274, 2009.

BECK, A. M.; KATCHER, A. H. **Between pets and people: The importance of animal companionship**. Purdue University Press, West Lafayette, Indiana. Revised Edition. 1996.

AZEVEDO, L. F.; GARCIA, D. A. Água mãe e imaginário na terra pantaneira: educação ambiental. **Interdisciplinar**, v. 28, p. 121-136, 2017.

CHADDA, F. R. Contradições do monoteísmo judaico-cristão e da razão com a natureza: Questões essenciais para se pensar um novo estar do homem no planeta, **REMOA/UFSM**, v. 11, n. 11, p. 2360-2378, 2013.

CORBELLINI, L. M. Uma abordagem sobre o ensino de ciências e educação ambiental através do manejo participativo como processo de transformação do espaço comunitário escolar. **Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**, v. 12, p. 107-122, 2004.

COSENDEY, B. N.; SALOMÃO, S. R. As representações midiáticas das serpentes e suas implicações para o ensino de ciências e biologia. **REnBio - Revista de Ensino em Biologia da SBEnBio** (V Enebio e II Erebio Regional 1), n. 7, p. 912-925, 2014.

COSTA-NETO, E. M. Conhecimento e usos tradicionais de recursos faunísticos por uma comunidade afro-brasileira, Resultados preliminares. **Interciencia**, v. 25, n. 9, 2000.

FREDERICO, I. B.; BRUHNS, H. T. O Ecoturismo no Cerrado: reflexões e oportunidades na RPPN Santuário do Caraça (MG). **Revista Brasileira de Ecoturismo**, v. 5, n. 3, p. 600-615, 2012.

LIRA, F.D.; BRITO, A.J.S; BATISTA, H.R.N.; SILVA, E.S.; SMANIA-MARQUES, R. **O que a vida tem a ensinar para o Ensino de Biologia? Uma abordagem bibliográfica sobre mitos, lendas e crenças acerca dos répteis e aves paraibanos**. In: Anais do VII Encontro Nacional De Ensino De Biologia / I Encontro Regional de Ensino de Biologia da Regional 6 - Norte. Belém: IEMCI, UFPA, 2018. pp. 4547 – 4557.

GUERRA, A. F. S.; TAGLIEBER, J. E.; FREITAS, J. V.; OLIVEIRA, K. L.; RODRIGUES, A. M. T.; MOYA-NETO, J.; LIMA, A; PERES, R. S.; PINHO, G. B.; GIOVELLI, A.; SANTOS, T. P. Um olhar sobre EA e suas práticas na região Sul – a contribuição da REASul. **Ambiente e Educação**, v. 9, p. 177-198, 2004.

MATOS, E. C. A.; LANDIM, M. O Bioma Caatinga em Livros Didáticos de Ciências nas Escolas Públicas do Alto Sertão Sergipano. **ALEXANDRIA Revista de Educação em Ciência e Tecnologia**, v. 7, n. 2, p. 137-154, 2014.

MOREIRA, A.F.B.; CANDAU, V.M. Educação escolar e cultura(s): construindo caminhos. **Educação escolar e cultura(s)**, n. 23, p.156-168, 2003.

NASCIMENTO, M. V. E.; ARAÚJO-DE-ALMEIDA, E. Importância da realização de trilhas participativas para o conhecimento e conservação da diversidade



biológica: uma análise da percepção ambiental. **Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**, v. 23, p. 358-368, 2009.

OLIVEIRA-JÚNIOR, S. B.; SATO, M. Educação ambiental e etnoconhecimento: parceiros para a conservação da diversidade de aves pantaneiras. **Ambiente & Educação**, v. 11, p. 125-137, 2006.

PASSOS, C. D.; MACHADO, L. F.; LOPES, A. F.; BESERRA, B. L. R. Calangos e lagartixas: concepções sobre lagartos entre estudantes do Ensino Médio em Fortaleza, Ceará, Brasil. **Ciência & Educação (Bauru)**, v. 21, n. 1, 2015.

SALLA, R. F.; JONES-COSTA, M.; FERNANDES, H. L. Influência do sistema afetivo-emocional no aprendizado: valores culturais e mitificação dos anfíbios anuros. **REnBio - Revista de Ensino em Biologia da SBEnBio**, v. 10, n. 1, p. 87-105, 2017.

SCHERER, F. A. S.; BALDIN, N. A representação social do Guará (*Eudocimus ruber*) nas falas e percepções das comunidades ribeirinhas de Guaratuba (PR): a educação ambiental necessária. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, v. 31, p. 61-75, 2014.

SILVA, E. M. V. G.; SILVA, R.; SILVA-FILHO, T. P.; OLIVEIRA, P. J. A.; CUNHA, M. T. S.; OLIVEIRA, J. C. T.; SILVA, L. A. M. Morcegos amigos ou vilões? - A percepção dos estudantes sobre morcegos. **Educação Ambiental em Ação**, n. 43, 2013.